

--- baleia  
de Livs Ataíde

---

É do feitio do homem querer encontrar sorte maior em outro lugar  
É de sua natureza achar que alhures o futuro é mais certo  
Quando não consegue achar conforto no perto  
Deseja partir, e também dá de sonhar

Uma mulher e um homem  
Que podem ser qualquer pessoa  
Basta que na vida lhes tenha sobrado fome  
Preparam-se para se retirar

Pra facilitar a narração  
Chamaremos Maria e João  
Os protagonistas dessa jornada  
Em busca de conforto no fim da estrada

João tinha um sonho  
E Maria sempre foi de acompanhar  
Mesmo com sede, desejava sal  
Mirava o dia em que conheceria o mar

No dia de maior desespero  
Lá pra meado de Janeiro  
Foi tomada a decisão  
A gente busca o mar, que de tão grande e vasto  
Há de ter mais espaço e pasto  
Do que no calor do Sertão

Seguiram viagem  
João, Maria e Tião  
Que não, não é filho,  
É um burrico tão antigo  
Que virou de estimação

Mas o que não era esperado  
E o que diferencia esta história de muito do que já foi contado  
É que lhes apareceria  
Uma inusitada companhia

Anjo ou assombração  
Deu-se que no terceiro dia de caminhada  
Um boi os encara na estrada  
Logo some, sem rastro, sem nada

Logo depois dessa aparição  
Aconteceu de falecer o burrico  
De fato, muito querido,  
Causou imensa desolação

Agora seriam só os três  
Acalme-se, não contei errado  
Só omiti o filho  
Que em breve, pela barriga de Maria, seria notado

Deu-se que de três em três dias  
aparecia o boi pra João  
encarando e guiando,  
apontando uma direção

Seguido por uma intuição  
Que costumam chamar de fé  
O boi intrigou João  
Que passou a entender aquela presença como algo  
Que lhes apontaria a melhor direção

Seguindo os caminhos sugeridos pelo animal  
A viagem deu continuidade  
João cada vez mais intrigado  
Passou a apontar seus pensamentos  
Na investigação daquela entidade

Porém nada tirava sua fé  
E sua certeza plena  
De que encontraria o mar  
E uma vida mais amena

Mas, depois de dez dias de caminhada  
Marido e mulher resolvem parar  
Alimentam-se, e enquanto Maria dorme  
João começa a se preocupar

Terá sido sábia essa decisão repentina?  
Terei eu sido imprudente?  
Carregar para um destino incerto  
Mulher com filho no ventre?

Nem sei ao certo o que existe  
O que é de fato o mar  
Tenho medo do que me é escuro  
Receio me decepcionar

João então se ajoelha e reza  
Pede a Nossa Senhora  
Pergunta se é hora de desistir  
Se o tempo de voltar é agora

De repente, como se vê nos filmes  
João não conseguia acreditar  
Aparece uma figura  
Iluminada, manto azul, de cima de um altar

Nossa Senhora Aparecida?  
Não, Nossa Senhora de João  
Nossa senhora de Maria  
Nossa senhora do Sertão

Ah, João, a barriga de Maria já se anuncia  
Nela cresce uma nova fé  
Por isso não perca a sua  
O que lhe aguarda é grande  
Mantenha-se de pé

O boi que lhe enviei tem ajudado?  
Ele é especial, seu aliado  
Guiará pelo caminho certo  
Mas fique esperto  
O que alimenta o animal não é pasto  
É sua fé, seu coração puro e vasto

Podem muitos achar  
Que não pode ser real todo esse conto  
Aí entra o poder de cada um  
De entender o que quer dizer cada ponto

Ao acordar, Maria se espanta  
No sol, olhando para o céu está João  
Que houve homem?  
Parece que viu assombração

João decidiu guardar para si  
Que não era uma assombração  
Antes que pudesse parecer  
Que já não era mais um homem são

Seguidos dez dias de viagem  
encontraram um pequeno povo  
onde rezavam de forma estranha  
a desencarnação de um morto

Quando, por curiosidade, entraram  
Puderam ver que estava sentado o corpo  
Recusava-se a deitar  
O teimoso morto

O grupo de carpideiras  
Esgoelava-se a cantar  
Já nas últimas tentativas  
De fazê-lo descansar

Dizem pela cidadezinha  
Que o morto fizera um pedido  
E prometeu nunca deitar  
Se não fosse atendido

Acreditava que levaria  
Tudo que tinha pra outras vidas  
Queria ser enterrado com sua mulher  
Que por acaso ainda vivia

João pensou um pouco e deu uma sugestão  
Com as roupas da viúva, vestir um boneco  
Enganariam o defunto  
E resolveriam a questão

Deu-se que de fato funcionou  
Ao colocarem uma boneca  
Vestida e perfumada como a viúva  
Defunto o morto ficou

Entraram numa igreja  
E logo se assustaram  
Com o discurso veemente  
Que por ali escutaram

O homem dizia assim:  
Estou pedindo aos fieis, de modo bem democrático  
Que tiverem Visa e Mastercard  
Paguem, por favor, no débito automático

De forma alguma eu desejo  
Que vocês se sintam mal  
É apenas um facilitador  
Pois o Diabo prega o mal

O Diabo é malvado  
Faz com que a gente esqueça  
E desejo que cada um de vocês  
A salvação mereça  
Jesus conheça  
(E que eu enriqueça)

João se perguntou  
Se aquilo não estava errado  
Já tinha visto Nossa Senhora  
Mesmo com todo o seu pecado

Cada homem merece  
Por tudo que já passou  
Ter sua chance de conhecer  
Bater um papo com o salvador

Vamos dar uma apressada  
E aumentar os personagens  
Pra quem achou que seria curta  
Foi enorme a viagem

Passaram-se nove meses  
Maria já não podia andar  
Estavam em uma pequena caverna  
Esperando Rosa chegar

Aí você me pergunte  
Como sei que é menina  
Além de estar narrando a história  
Mãe sente, se ilumina

O boi como guardião  
Se fazia presente  
Ninguém mais ali estava  
Mas parecia cheio o ambiente

Rosa chegou e agora em três  
Continua a caminhada  
E é com um bando de cangaceiros  
Que a história é continuada

Quinta Feira, Meia Noite  
Ventania no Arvoredo  
Apareceu um bando de homens  
Vestindo roupa de medo

Seu líder se pronunciou  
E falou em voz alta  
Homem, não sente medo?  
Pra tremer o que é que falta?

João perguntou  
Porque a preocupação  
Porque tinham interesse  
Em se sentia medo ou não

Logo veio a resposta:  
Cangaceiro é como qualquer cabra com poder  
Vai tecendo suas roupas  
Com fios de temer

Cada pobre homem que treme  
Sem ver solução  
Dá de vestir a quem ameaça  
O seu medo vira meu pão

Ora, veja, quem me ouve  
Não percebe o que planejo  
Mas o medo que almejo  
Não é do sertanejo

Coleciono medo de todos  
Afinal sou bem temido  
Mas aquele que procuro  
É pior, mais destemido

É um cara que detém  
O medo de todo um povo  
Conseguiu tanto retalho  
Que fez até um terno novo

João aproveite hoje  
Que estou de bom humor  
Guarde seus retalhos com você  
Poderão fazer favor

João dobrou os retalhos de medo  
E guardou em sua bagagem  
Até pensou em usar um  
Pensou melhor, seguiu viagem

Depois de todo esse andar  
João olha pra Maria  
De uma olhada percebeu  
Tudo que o tempo fazia

Maria da mesma forma  
Olhou para o seu marido  
Viu o tempo em retalhos  
Viu João novo, mas escondido



Foi ali, nesse momento  
Que se lembraram ao mesmo tempo  
De cada farrapo do passado  
De um amor já desgastado

Olharam então pra Rosa  
E perceberam que nem era tão distante  
O tempo em que um via no outro  
O olhar que se vê no amante

A gente quando se apaixona  
E caminha ao lado de quem amamos  
Pode ver se não estou certo  
Mais sem pressa caminhamos

Seja lá qual foi o motivo  
A caminhada foi ralentando  
Sempre em frente, sem parar  
Mas com a calma de quem vai gostando

A fome começou a doer  
Maria a se preocupar  
A fraqueza do corpo magro  
Não aguentava dar de mamar

O terror de repente assombra  
Perder aquela criança  
Morre uma fé que nasce  
Mata toda a esperança

João não vai permitir  
Lembrou-se de Nossa Senhora  
Disse: vou, atrás de comida  
Volto, sem demora

Deixou uns farrapos de amor  
Dos poucos que ainda sobraram  
Pra não pesar na mala  
Foi a primeira coisa que descartaram

Ele deixou também  
Um retalho de seu olhar  
Servia pra se aquecer  
Sempre serviu pro pranto secar

Acho melhor adiantar  
Pra ninguém ficar zangado  
João não vai achar o mar  
Ou melhor, não esse imaginado

Vocês ficarão se perguntando  
Ora então qual é a graça?  
Não vou ficar adiantando os finais  
Ora veja, perde a graça

Bom, enfim, continuando  
A história não termina em sal  
E desapeguem de um mapa  
A viagem é especial

Vamos para uma nova parte  
E uma nova aparição da santa  
Novamente para João  
Maria dorme, Rosa descansa

Olhem bem daqui pra frente  
O meu boi já não acompanha  
Porém saiba que pra sempre  
Tem a companhia da santa

---

Num de repente tudo muda  
João vê um mar de cinza  
Onde parecia caber um mundo  
Mas não ter espaço pra poesia

Ele ficou procurando a rima naquele lugar todo  
Talvez as tivesse deixado lá atrás  
Ao aliviar o peso da mala  
Talvez elas tivessem caído no caminho

Quem vive aqui deve pensar que cinza é mar  
Pensou João  
Senão por que motivo o cobririam de pontes?  
Era muito engraçado aquele mar que ele tinha encontrado

Não trazia a esperança de um mar cheio de água

Mas trazia uma grandiosidade que só Deus

Era tanta coisa que João não sabia o nome  
Que ele ameaçou querer um farrapo de vocabulário

Tinha  
Muita  
Coisa  
Mas  
Era  
Tudo  
Tão  
Grande  
Que  
O  
Horizonte  
Sumia  
E  
Tudo  
Ficava  
Menor

Naquela terra só se plantam prédios  
O cinza é um Rio  
As árvores se espremiavam entre pequenos quadrados de terra  
Espaço reservado para todo o seu sertão

João pensou em se instalar num quadrado desses de terra  
Mas pareceu descabido isso naquele novo lugar  
Caminharam por todo o concreto  
Sem muito saber onde ir

Música tocando  
Muita gente falando  
Apitos, motores, guardas, coisas sem nome e forma

O chão cinza riscado de branco parecia querer dizer algo que João não  
entendia muito bem  
A cidade possuía um novo idioma

Polifonia

João  
Torna-se farrapo miúdo  
Que medroso espreme a mão de Maria

Quando antes sem pouso  
Bastava esticarem seus panos  
E pousarem sobre ele seus troços  
Que criavam um espaço que era deles

Agora nessa tal cidade  
Grande  
Não havia espaço

Para entrar na cidade pagar é preciso

Cataram seus farrapos

Trocaram os de tempo por um lugar pra ficar

Os farrapos de sono viraram legumes, verduras e pão

E por aí se foi

Tudo corre  
O tempo  
Os bichos  
As pessoas

Silêncio. É mercadoria rara

João começou a se perguntar o que fazia ali afinal. A cidade, de uma surdez violenta, só assim bem pode suportar seus próprios gritos. Amanhecia cinza. Dormia cinza a cidade. Não dormia. Não estava acordada. Violava seu próprio sono e seu próprio tempo passando por cima de seus sertões. Faziam frios de 40 graus.

Automática.

Era ali que estavam os homens de terno tecido em medo. Se soubesse disso, João teria avisado ao cangaceiro.

Ali pareceu sensata a salvação em Mastercard.

O tempo corria cruel. Em poucas horas, passavam-se meses e anos. Sem tê-lo nas mãos, não se vê o próprio tempo. A velocidade ultrapassava qualquer tentativa. Mas o caminho de volta havia sumido afogado debaixo de pontes e viadutos.

Maria e João, já quase sem farrapos, viam se aproximando o homem do terno negro.

Venho cobrar o que é meu por direito. Veja bem: há muita gente para pouco espaço. E João não entendia aquilo. Tenho que ser justo. E João não entendia aquilo. Preciso cobrar o que cobro. É o que vale o seu pedaço. E João não entendia aquilo. Se não pode pagar, darei para outro que possa. Assim faço o justo. E João.

Olhou pra Maria. Pra Rosa. E recolheram seus últimos tecidos. Ao entregar os pedaços de seu amor mal costurado, que ali não valiam quase nada, despediram-se de sua história bordada ali. Ao despir Rosa de esperança, deixaram nua toda uma pátria.

João ficou só. Ao procurar os tão bem guardados farrapos de medo, descobriu que já haviam se confundido com sua pele queimada de sol.

Em ondas, João se desfez.

A santa assistindo a tudo  
Se pudesse diria  
Que ao decidir destino de caminhante

Fadou-se ao erro  
E que não adiantaria fingir-se imóvel

De onde se veio, não mais se volta  
Jamais para o mesmo lugar

Para os desesperançosos  
João refez seus retalhos  
Num êxodo pra dentro  
Num deslocamento pra sempre

Maria pouco a pouco  
Com humildes linhas  
Teceu de volta João e Rosa em seu colo

João encontrou vocação pra costurar poesia  
Tecia em panos que vendia  
Em troca de seus retalhos de volta  
Do olhar de Maria, do perfume de Rosa

Havia um quê de sertão em cada retalho que João bordava pensando assim  
ser possível dar àquela gente um pouco de cada sol que ele conheceu e  
encontrar assim seu quadrado de sertão em meio a um mar enorme de gente  
e coisa e de coisa que é gente.

Talvez ninguém percebesse, mas a cada cordel João contava um capítulo de  
sua história, que lá ninguém poderia achar possível, então se passava por  
poesia.

Lá, no bem fundo, João sabia de suas verdades.

Sabia da história de Maria e João.

Foi na cidade que João contou todo seu sertão lá detrás  
O mar era de concreto, presumia  
Mais tarde conheceu o mar de água  
Decepcionou-se  
Faria ele mais sentido banhando seu desterro  
Banhando concreto faltava aquele tom de Villa Lobos

Sobrava sal.